SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVII
FEVEREIRO
DE 1971
N.º 310

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

A DROGA

Pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

Já lá vai o tempo em que a droga era a inocente mercadoria do droguista, que de longe se anunciava por uma espécie de divisa ou insígnia em faixas coloridas e berrantes, nas ombreiras do estabelecimento, imitando como podia o arco-iris. E o dicionário encarregava-se de nos esclarecer com definições como esta: «substância ou ingrediente aplicado em tinturaria, farmácia, etc...»

Depois já ia descambando, quando em conversa familiar, no mau medicamento, ou em metáfora depreciativa: «tal ou tal pessoa ou coisa *deu em droga*».

Todavia, como tantas coisas respeitáveis, e até santas, são abandalhadas sem que as leis ou o decoro o impeçam, a droga continuou a ser moeda corrente, até que lhe sobreveio a inflação. Hoje a droga é o truque ordinário do troquilha da feira, pelo momentâneo estimulante do solípede ou do bovídeo, ou uma forma de falsear a competição desportiva, pela ingestão de excitantes ao iniciar a partida. A diferença entre as duas formas de «drogar», entre o burro e o homem, reside sòmente em que aquele é só vítima e não autor. O homem, por sua vez não é burro, não, mas lobo, no famoso dizer de Plauto: «Homo homini lupus».

Ora vejamos: a droga hoje é isso só? Não. Isso era a «infância da arte», pois nos vem chegando das «Civilópolis» orgulhosas dos seus pergaminhos de duvidosa nobreza, a papoula branca, o cânhamo índico, as suas combinações em marijuana, ópio, morfina, haxixe, pantopom e tantas outras veniagas, que no Brasil se chamam entorpecentes e entre nós estupefacientes. Julgo certas as duas designações, porque as suas vítimas vão ficando *estúpidas*, e produzem actos *torpes*. Triste sociedade que se lhes entregue!

Mas deixai-me ir mais longe para ficar mais perto. Vai chegando o tempo em que toda a extracção industrial de plantas que contenham venenos, não sendo para o uso legal e conveniente da farmacopeia, será considerado *droga*. Porque não?

Bem haja a vereação de Vila Real de Santo António, a primeira que em Portugal, por decisão unânime, entrada em vigor no 1.º de Fevereiro, proíbe em todo o concelho a publicidade do tabaco, planta que deve, de facto, ser colocada a par daquelas donde se extrai o arsénico, a beladona...

Nalguns países, a publicidade do tabaco está sofrendo restrições, e na Grã-Bretanha iniciou-se em grande estilo a ofensiva contra o tabagismo, ao fim de campanhas em vários círculos, velhas de alguns anos, e com seus altos e baixos. O aviso do Real Colégio dos Médicos, de Londres, resume-se nisto: o cancro do pulmão causado pelo fumo faz quatro vezes mais vítimas que os desastres rodoviários. E dos Estados Unidos nos falam das lesões cancerosas na laringe, com a mesma origem.

Que bom seria assistirmos todos, depois deste Carnaval de cigarros, charutos e cachimbos, a uma Quarta-feira de Cinzas universal! Sonhos? Mas lutemos sempre!

Os governos, evidentemente, preocupam-se com problemas orçamentais de impostos e de pleno-emprego, mas não deixarão de, com mais longa visão, contrabalançar o prejuízo imediato com as maiores vantagens da recuperação humana.

Nós, portugueses, muito oscilamos entre o duplo receio provinciano de nos adiantarmos ou de ficarmos para trás. Se nos pusermos agora a meio caminho já não será mau! Bem sei que quem se apressa está em risco de cair. Nesta matéria a queda aparente será a da indústria favorecedora de alguns, em escala larga, e de muitos, quanto ao pão de cada dia, para os quais será necessário procurar uma readaptação, sempre possível.

*

Vai fazer um ano quando, em Fulda, um rapaz alemão de doze anos, para fugir à conversa dos adultos, na sala de estar, refugiou-se, com um amigo um pouco mais velho, numa oficina de materiais sintéticos da vizinhança. Resolvido a fumar o seu primeiro cigarro, acendeu um fósforo e, como se queimasse, arremessou-o para trás de si. De aí resultou: quatro bombeiros feridos, um prejuízo de oito mil contos, e a salvação dos dois rapazes no último momento. Ficaram, para terem que contar.

Continua na pág. 7

O «SETE» EM ACÇÃO



O «7» é um dos grupos de escoteiros de mais gloriosas tradições.

É certo que, por esta histórica unidade escotista lisboeta, passaram alguns dos nomes mais prestigiosos do escotismo português. Porém, o orgulho do «7» reside em especial no ambiente de trabalho que sempre ali existiu, carácter que lhe foi imprimido por um chefe dinâmico e empreendedor: o chefe José da Conceição Rodrigues.

Na gravura, vê-se o «7» em acção, num característico exercício de montanhismo, realizado há um bom par de anos. Quem se lembra dele?

São destes fecundos tempos que o chefe Rodrigues nos volta a falar na entrevista cuja publicação concluímos neste número.

NUGAS

IV

O comediógrafo Terêncio (de seu nome Público Terêncio Áfer), antigo escravo libertado, que viveu no séc. II a. C, escreveu numerosas comédias de costumes, à imitação do grego Menandro, e ele próprio muito imitado pelos Renascentistas e até pelo grande Molière. Através das suas obras, fez a crítica da vida quotidiana de Roma, muitas vezes com aquele à-vontade usual entre os antigos, que não hesitavam em empregar até a obscenidade, quando pretendiam obter certos efeitos.

A uma dessas comédias célebres, deu ele o nome grego, algo arrevesado de *Eautontimorouménos*, ou seja «o homem que se tortura a si mesmo», mais ou menos um «masoquista», como hoje se diria.

Não interessa de momento o conhecimento do entrecho, mas simplesmente a frase de uma das personagens, dito que fez carreira e desde então entrou no grupo daqueles que todo o mundo cita, tantas vezes sem lhes conhecer a origem, muitas mais ignorando-lhes o sentido: *Homo sum: humani mihi a me alienum puto*, em linguagem corrente «sou homem e como tal acho que não devo alhear-me de tudo que é humano». A frase portuguesa, infelizmente, apesar da estreita afinidade da nossa língua com o latim, carece daquele enérgico vigor e sobriedade da língua original.

Se nos curvarmos com alguma atenção sobre o conceito terenciano, logo descobriremos, creio bem, o profundo significado. Não se esqueça que Terêncio fora, antes, escravo e, como tal, tido na conta de simples «coisa», menos ainda do qualquer dos «sub-homens» que sofreram e morreram em nossos dias em campos de concentração; só depois de liberto, por generosidade do seu dono (que, com a liberdade, lhe deu o nome), pôde, ainda assim relativamente, passar a ser considerado «homem», digno de viver entre os homens, embora lhe negassem ainda a qualidade de «cidadão».

Porque vivera desde criança no ergástulo e trabalhara duramente, quantas vezes sob os golpes do chicote do vigilante, preso durante a noite por cadeias à argola embutida na parede do triste recinto onde outros escravos dormiam, pôde assim Terêncio conhecer em profundidade até que ponto um ser humano pode descer, não já sob o impulso de um inconsciente mal recalcado ou de taras atávicas, mas simplesmente por força da lei ditada por uma sociedade assente sobre o conceito de classes, de que apenas uma, o Patriciado, dispunha do Poder e, assim, do comando de todas as outras.

Vinha ainda longe o tempo em que Espártaco, quebrando os grilhões, soltaria o grito de revolta contra a lei inumana, portanto irracional, e à frente de outros escravos e de muitos gladiadores, cuja vida estava votada à morte violenta, faria frente às orgulhosas e disciplinadas legiões, antes de ser desbaratado por Crasso.

Também faltavam dois séculos para os seres humanos que povoavam os ergástulos romanos ouvirem pela primeira vez falar de um remoto reino dos Céus, onde senhores e escravos, lado a lado, gozariam a bem-aventurança após a morte, porque havia um Deus perante o qual *todos* os homens seriam iguais.

Mas Terêncio foi libertado e trouxe para a luz dos palcos toda a sua profunda experiência, entre esta o conhecimento, ignorado de todos os Romanos, de que *um escravo era um homem!* Verdade revolucionária, que todo o cidadão se negaria a aceitar e, muitos séculos depois, outro escravo célebre, Epicteto, reabilitaria e universalizaria.

E a personagem da comédia famosa, ao proferir a frase não menos famosa, não expressaria senão o pensamento do autor «com um saber de experiência feito», como dizia, dezoito séculos mais tarde, Camões.

Homo sum; sou homem, não sou um objecto susceptível de que dele se apropriem, nem mesmo um animal não dotado de razão. Tenho um cérebro que pensa e um coração que sente. Sinto-me ligado pela carne e pelo espírito aos outros homens, meus semelhantes e meus irmãos. Como tal, ainda que condenado aos mais duros trabalhos, *eu sei que não sou uma coisa.* Sinto, não só fìsicamente como todos os seres vivos, mas também, e ao contrário deles e portanto seu superior, sou capaz de sentir espiritualmente. A dor moral, que os irracionais ignoram, pode chegar mesmo a deprimir a minha natureza física.

Isto pensaria, por certo, Terêncio e nem remotamente lhe poderia passar pela mente que dezoito séculos depois, certo filósofo revolucionaria os caminhos da Filosofia só com dizer: *Cogito, ergo sum*, penso, logo existo.

Humani mihi a me alienum puto: nada do que é humano me deve ser estranho, porque se sou diferente, quer pelo físico, quer pelo espiritual e pelo moral, de todos os outros homens, tenho com eles de comum uma Razão e uma Alma, que deram ao Homem o domínio da Terra e de todos os seres que nela vivem. Ligado aos outros homens por estreita afinidade de espécie, como poderei alhear-me das suas alegrias, das suas dores, dos seus anseios, das suas esperanças, dos seus desânimos, se, de um momento para o outro, tudo isso posso eu também sentir? E não me alentaria uma palavra de consolação na desgraça ou um brado de incitamento quando eu hesitasse no caminho do triunfo?

Como é possível, pois, que homens sejam carrascos de homens, esmaguem ou trucidem seres indefesos, procurem aperfeiçoar, com requintes de sadismo, máquinas de morte? Como é possível que o Mundo, habitado por muitos milhões de seres humanos, tantos deles ainda hoje a sofrer os horrores da fome e de doenças incuráveis, possam continuar a sentir a pesar sobre eles a ameaça temerosa da destruição total?

Teria havido progresso, na verdade, desde que Sócrates, há 26 séculos, aconselhou os homens a conhecerem-se a si próprios? Que responda quem tiver percorrido as páginas da História e comparado o que o mestre de Platão ensinou com as modernas doutrinas irracionalistas, e diga depois se o conceito de Terêncio foi na verdade compreendido pelos mentores actuais dos povos.

A. Álvaro Dória

Escoteiros do México saúdam os Escoteiros Portugueses

Aos Irmãos-Escoteiros Portugueses:

Ricardo Villanueva, Escoteiro do México, sintetizando os pensamentos do Escotismo de Puebla e de todo o país do México, envia do Continente Americano um forte aperto de mão esquerda aos nossos irmãos de Portugal, demonstrando desta forma que para o Escotismo não existem fronteiras de nenhuma classe enquanto dois ou mais jovens se reúnam em torno do universal e grande laço do Movimento Escoteiro.

Assim mesmo, queremos de uma maneira especial felicitar os Escoteiros de Portugal pelo seu aniversário e pelo grande progresso que ganha dia a dia o Escotismo nesse país, fruto de uma juventude limpa e decidida a deixar um mundo e em especial a sua nação melhor do que a encontraram. Um forte e fraternal desejo de que continueis no vosso labor para o engrandecimento da vossa pátria.

Com a minha admiração.

Sempre Pronto a Servir

a) Ricardo Villanueva H.

Subcomissário de Distrito — Puebla

Professor Edmundo de Lima Basto

Quando o nosso jornal estava prestes a entrar na máquina, fomos surpreendidos pela infausta notícia da morte deste ilustre homem de ciência.

Este acontecimento impressionou vivamente todo o país, onde o Prof. Lima Basto estava altamente conceituado não só pelo excepcional valor como cirurgião e investigador, mas também pelo carácter bondoso de que constantemente dava provas.

Dedicadíssimo escoteiro nos tempos da sua mocidade, o Prof. Lima Basto manteve sempre a maior admiração pelo nosso movimento. Por isso, a sua perda foi bem sentida nos círculos escotistas, nomeadamente entre os antigos escoteiros, companheiros que foram nas fileiras do movimento.

O Prof. Edmundo Lima Basto era irmão de um outro antigo escoteiro, o sr. Alberto Lima Basto, falecido há poucos anos, e primo do nosso querido companheiro e ilustre colaborador Rev. Eduardo Moreira, a quem aproveitamos o ensejo de manifestar a expressão do nosso muito sentir, bem como a toda a família em crepes.

No próximo número, dedicaremos a este deplorável acontecimento a atenção que uma personagem que nos era tão cara bem merece.

Em Lourenço Marques

Realizou-se um acampamento internacional de Escoteiros

Encerrou no dia 10 de Janeiro passado, em Lourenço Marques, um acampamento promovido pelo Corpo Nacional de Escutas — Terceiro Jambori Internacional da África Austral — em que participaram delegações escoteiras de Lourenço Marques, Beira, Inhambane, Quelimane e Nampula, bem como de Angola. Estiveram também presentes representações da África do Sul, Suazilândia e Rodésia.

Um «Diário» da Rainha Isabel II da Inglaterra, quando era Guia, foi vendido em Leilão

Noticiam os jornais que um «diário» da rainha Isabel II, da Inglaterra, quando tinha 13 anos de idade e era membro do movimento guidista, foi vendido em leilão por 1400 dólares (cerca de 39 contos).

O «diário», que tem 75 páginas, é o primeiro manuscrito da soberana até hoje vendido em hasta pública. Tinha sido anteriormente oferecido ao bibliotecário da autora, que não se mostrou interessado, e à Associação das Guias, que também não o aceitou.

O manuscrito foi encontrado por um inglês não identificado entre o lixo proveniente da demolição de uma biblioteca pertencente à família de Lorde Mountbatten, no Hampshire.

Uma recordação da Ponte de Londres em Gilwell

Conforme foi noticiado, a famosa Ponte de Londres foi vendida aos americanos e será para ali remetida depois de desmanchada.

Mas o Movimento Escoteiro ficará com uma recordação da típica Ponte, um razoável troço de corrente da ponte predecessora desta, que pode ser vista na margem da Floresta de Epping, no Centro Internacional de Treino de Gilwell Park.

Adquirida quando a velha Ponte de Londres foi substituída em 1823, a secção da ponte, uma balaustrada com cerca de 20 metros de comprimento, margina o relvado do Búfalo. O Búfalo foi uma oferta dos Escoteiros da América. É um pequeno monumento, que reproduz a principal condecoração do Escotismo daquele país, e foi entregue em reconhecimento da *boa acção* de um escoteiro anónimo britânico, que, tendo sensibilizado um jornalista daquele país, levou à introdução do Escotismo nos Estados Unidos.

Igreja Lusitana do Redentor

A Junta da Igreja Lusitana do Redentor, cujo templo está sito na Rua do Visconde de Bobadela, no Porto, acaba de publicar o relatório da acção levada a efeito por aquela congregação durante o ano que findou.

Pela leitura deste trabalho, tem-se uma visão muito completa do que foi o trabalho daquela Igreja através dos diversos departamentos que a compõem. Desvanecedoras são as considerações feitas ao seu departamento escotista, pois esta Igreja alberga no seu seio o Grupo n.º 15 da AEP, cuja actividade é devidamente referenciada.

Amigos em toda a parte

Um grupo de escoteiros, recentemente formado em Uberlândia (Rua Machado de Assis, 844), no Estado de Minas Gerais, no Brasil, o Grupo Eldorado, o qual já conta com 5 patrulhas e vai formar uma alcateia, deseja corresponder-se com grupos de escoteiros portugueses. Pretendem permutar fotografias de escoteiros em actividades.

Quem quer corresponder ao convite do simpático Grupo Eldorado ?

O antigo Grupo n.º 6 de Escoteiros de Portugal

Já por duas vezes, a propósito do falecimento de dois companheiros, nos referimos a uma Alcateia de Lobitos que existiu no Bairro Alto em Lisboa, registada sob aquele número.

Um nosso estimado Leitor, informa-nos que essa unidade estava anexa à Associação de Beneficência da Freguesia da Encarnação, na rua do Teixeira, de que foi um dos fundadores e presidente da direcção o Dr. Alfredo Tovar de Lemos.

Foi chefe da Alcateia, a sr.ª D. Isabel Tovar de Lemos, esposa do Dr. Tovar de Lemos, então Comissário Nacional da A. E. P., sendo mais tarde substituída pelo Escoteiro-Chefe Carlos Alves Centeno.

«SEMPRE PRONTO»

Novos assinantes

Continuam a acorrer amigos que se inscrevem como assinantes de «Sempre Pronto», reforçando assim o número daqueles que constituem o principal esteio desta obra.

Apresentamos o nosso agradecimento aos srs. Guilherme Artur Silva Campos, de Lisboa; Alexandre José Gomes Grazina e António José dos Santos Soares, de Azambuja; Eduardo Alberto Alves da Silva, de Luanda, e Rev. Padre Américo Ferreira Alves, de Braga.

Pagamento de assinaturas

Constitui uma colaboração dispensada a este jornal a remessa da importância das assinaturas. Tiveram a gentileza de nos enviar o valor de suas assinaturas os seguintes nossos estimados amigos, srs. Augusto José do Carmo Pereira, Fernando Amílcar da Silveira, D. Margarida Gonçalves Meireles, de Lisboa; Padre Américo Ferreira Alves, de Braga; Eduardo A. Alves da Silva, de Luanda; e ainda os seguintes assinantes patrocinadores, srs. Fernando Gomes Carrão. D. Maria do Carmo Martins, Prof. Dr. João Faria Lapa, de Lisboa; Mário Silva, de Carmona.

O sr. António de Jesus Brito, de Luanda, pagou a sua assinatura de patrocinador e a assinatura que oferece anualmente a um escoteiro do Grupo n.º 6, de Olhão.

Um donativo simpático

O sr. Eduardo Franco é um antigo escoteiro do Grupo n.º 94, que, tendo-se dedicado a uma actividade industrial, aplicou aqui as qualidades de trabalho e espírito de iniciativa que se temperam nas fileiras do Escotismo. Assim, pelo seu próprio esforço ergueu uma indústria modelar na construção de cofres e casas fortes, que têm sido aplicadas nos principais bancos e constituem um orgulho para o trabalho nacional.

Este amigo afirmou uma vez mais a sua formação escoteira fazendo espontâneamente ao «Sempre Pronto» uma oferta de Esc. 500$00 para auxílio da publicação. Agradecemos.

XXXI Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo do Centenário da Covilhã, como cidade.

Tece que tece fardos de lã:
não esmorece a Covilhã.
A roda, é vê-la como eu a vi:
dentro da estrela do rei Davi.
O níveo manto vestindo a serra
fala do encanto da linda terra.
Não há decerto quem lhe resista,
ao ver de perto a excelsa vista.
Indústria e zelo junto à beleza
eis um modelo de quem se preza!

Eduardo Moreira

Apontamentos para a História do Escotismo

Chefe José Rodrigues — um símbolo

II

(Continuação do número anterior)

O Chefe José Rodrigues revive essas cenas longínquas com o entusiasmo a que o seu temperamento de homem de acção imprime um vigor muito especial.

O Grupo 7 está sempre presente no seu espírito e sobretudo no coração. Foram anos de uma actividade transbordante. Foram horas nem sempre fáceis, mas vividas, minuto a minuto, com o mesmo objectivo: servir o próximo, realizar o ideal do escotismo.

Mais uma vez, fazemos apelo às suas recordações:

— De todos esses episódios em que interveio, qual o que mais o impressionou?

— «A noite trágica em que foram mortos Machado Santos, Carlos da Maia, Freitas da Silva e outros chefes políticos.

«Assisti à morte do comandante Freitas da Silva, junto às portas do Arsenal, assassinado ferozmente; e tive que disputar o seu corpo aos requintes sanguinolentos dos seus verdugos, turvados pelo ódio. Este acto quase me ia custando a vida, pois quando vi os bárbaros saltarem sobre o cadáver daquele oficial, retalhando-o ferozmente, entrepus-me ante o corpo caído por terra e gritei: «*Alto! o corpo é meu, pertence-me!*» Foi então que um dos desvairados me pôs a arma ao peito disposto, talvez, a colher mais uma vítima. Valeu-me a intervenção de outros mais lúcidos que evitaram o pior, castigando bàrbaramente o desastrado ao ponto de eu sentir piedade de quem antes poderia ter-me feito mal. Por fim, deixaram que os escoteiros cumprissem a missão que a si mesmos impunham. Os feridos foram conduzidos para o posto da Cruz Vermelha, ali no Terreiro do Paço e o corpo de Freitas da Silva transportámo-lo para a morgue.

«Ainda dali não havíamos saído e já o pessoal da tristemente conhecida *camioneta fantasma*, que tinha a sinistra missão de transportar para a morgue os cadáveres apanhados na rua, nos avisava que a nossa presença se tornara, então, necessária para os lados do Intendente. Para ali nos dirigimos em acelerado, orientados por algumas descargas que se faziam ouvir. Quando chegámos ao Intendente, porém, já se restabelecera o silêncio e foi uma mulher que, debruçada da janela, nos gritou: «Mataram agora aí um homem e levam-no de rasto atrás de uma camioneta»; a pista de sangue que víamos no chão indicava-nos o caminho da Calçada do Desterro e, junto da Escola Primária n.º 1, conduziu-nos ao corpo de mais uma vítima: Machado Santos, metido num pijama às riscas, jazia num charco de sangue.

«Nessa altura até tivemos dificuldade de fazer entrar o corpo na morgue, pois, o próprio guarda, tomado de medo, negou-se abrir-nos a porta.

«Deixei alguns escoteiros de guarda ao corpo e fui eu que, dando a volta, entrei pelo hospital e consegui que fosse dada ordem ao guarda para nos abrir a porta. O corpo de Machado Santos recolheu, assim, à morgue, também pela mão dos escoteiros.

«Foram tempos muito tristes, mas que deram grande prestígio ao Escotismo.

«Mas foi preciso que eu me atirasse para a frente com os meus rapazes, com irreverência, contrariando as ordens que vinham da Associação. Mas eu não podia estar quieto e sentia que o Escotismo tinha uma palavra a dizer.»

Aliando o Desporto ao Escotismo

— Gostava de dirigir os rapazes?

— «Procurei orientar sempre os meus rapazes de forma a manter-lhes o entusiasmo por tudo o que era acção. Por isso me virei para o desporto, que naquela altura era quase desconhecido entre nós, como forma de desenvolver certas capacidades escotistas. Isto não afectava o Escotismo, antes pelo contrário, mas a minha acção não era muito aceite no meio escotista e ninguém quis colaborar comigo nesse sector. Senti-me só mas não desisti e procurei desenvolver o gosto pelo desporto junto dos meus rapazes. A natação, o ciclismo e o atletismo eram desportos que mereciam o meu entusiasmo e chegámos a possuir equipas de competição ciclista e pedestre.

«Foi assim que, quando surgiu a primeira Volta a Portugal em bicicleta, em 1927, eu próprio resolvi participar, pois pensava que era uma forma excelente de propaganda do Escotismo. Fiz sensação no meio ciclista, mas fui condenado pela A. E. P., que considerou aquilo uma afronta ao Movimento.

... e mais

— «Para além disto recordo muitas actividades interessantes que fiz com os rapazes: belos acampamentos, concursos interpatrulhas que ficaram famosos...

«É que o Grupo n.º 7 era um grupo que fazia actividades verdadeiramente escotistas e sempre deixámos raízes do Escotismo por onde passávamos, pois não íamos a uma terra ùnicamente para olhar para os seus monumentos, como simples excursionistas. Dávamos também alguma coisa do que possuíamos e isso eram os nossos conhecimentos escotistas. Fazíamos demonstrações e jogos, convidando a assistir o povo, as entidades locais e as pessoas de influência nessas terras, algumas que não sabiam o que era o Escotismo. Assim, todos ficavam a saber que os escoteiros eram jovens alegres, que faziam coisas engraçadas, que eram úteis ao seu semelhante, que sabiam aplicar os seus conhecimentos de primeiros socorros, que nos incêndios sabiam actuar e conheciam processos que podiam salvar pessoas, etc., etc.

Um autodidata

Muito ouvimos já falar da falta de cultura do chefe José Rodrigues, circunstância que nos é negada, hoje com 77 anos, pela fluência da sua palavra e clareza de expressão, ainda que rude, mas concisa e bem delineada. Nas suas próprias palavras vem-nos a resposta a uma pergunta que não chegámos a fazer:

— «Muitos me faziam mais ignorante do que realmente sou, pois, apesar de ser apenas um *pobre diabo*, eu procurava nos livros tudo aquilo que podia ser útil aos meus rapazes. Possuo uma importante colecção de livros escotistas, que mandei vir de diversas partes do mundo. Não havia entre os chefes escoteiros quem tivesse tão completa biblioteca para ensinar Escotismo. Muitos desses livros eu não sabia ler, mas pedia a quem mos traduzisse. Nesse ponto, encontrei muita vez a colaboração do comandante Milheiros, da direcção do grupo, e da professora D. Maria O'Neill».

E perante os nossos olhos passam algumas dezenas de livros sobre Escotismo, daqueles que ainda restam ao velho escoteiro e que guarda cuidadosamente. Citamos ao acaso os nomes de algumas dessas obras: «Programmes d'Activité pour Patrouilles et Troupes d'Éclaireurs» (A. Rolland); «Manuel de Scoutisme: LIVRE I — — La Chevalerie Scoute» (1922), «LIVRE II — La Vie des Bois» (1923); Manual do Escoteiro» — 2.ª edição (Edition de la Maison des Scoutes — France); «Handbook for Patrol Leaders», by William Hillcourt (2nd printing — 1929 — Boy Scouts of America); «Allons aux Camps» (1928 — B.-P. Belgian Boy & Sea Scout); «Thing all Scouts Showd Know» (1926 — London): «Mowgli, o Menino Lobo» (1933 — tradução de Monteiro Lobato — S. Paulo); «Le Badge de Première Classe» (1932 — Édition Scouts de Louvain); «Le Badge de Seconde Classe» (1929 — B. P. Belgian Scouts); «Jamboree of Sea Scouts in Polland» (1932 — Garczyn Pomorze); «Jeux et Recreations pour la Jeunesse» (edição de Service d'Education Physique de la Société des Foyers de l'Union Franco-Americain); «Le Soldat de demain» (1913 — Paris); «Le Système des Patrouilles» de Rolland Philips, com prefácio de Baden-Powell (1915 — Editions SPES, Paris); «Los Exploradores de España»; «Guia do Escoteiro», 2.ª edição brasileira (1932 — Rio de Janeiro), etc.



Pois é verdade: o chefe José Rodrigues não foi *escoteiro! eis uma asserção que surpreenderá muita gente. Todavia, aqueles a quem for dado contactar com o antigo e conceituado dirigente do «7», terão forçosamente de concluir que José Rodrigues* é e será sempre *escoteiro, porque tudo na sua vida tende para a evocação e a prática constante dos princípios e da técnica escotistas. E não só ele é escoteiro. Toda a família perfilha os mesmos sentimentos. Ei-lo com seus filhos — Flávio, Maria Alice e Aníbal. Parafraseando a célebre sentença de Lorde Kitchener, poderemos dizer: «Chefe de família escoteiro; toda a família escoteira!»*

O maior orgulho

Os olhos curiosos do repórter continuam depois a percorrer variados álbuns com dezenas de fotografias e documentos, que constituem o bem organizado historial da vida escotista do chefe José Ro-

drigues, onde se confunde a sua própria vida familiar, pois que passaram também pelo Escotismo os seus três filhos.

De entre todos, porém, o nosso entrevistado destaca um, com especial cuidado e carinho. Trata-se de uma carta que lhe foi dirigida há muitos anos, assinada pelo próprio Baden-Powell, que agradece o envio, para o primeiro museu escotista, inaugurado em Londres, de alguns objectos executados pelo grupo n.º 7.

— «Poucos escoteiros portugueses guardam uma correspondência de Baden-Powell», — diz-nos por entre orgulhoso e saudosista.

— «Assisti a ambas as visitas de Baden-Powell a Portugal e conhecê-lo, estar perto dele foi uma das maiores honras que senti em toda a minha vida».

O fim de uma carreira

— *Quando abandonou o Movimento?*

— «Quando as coisas começaram a piorar para os chefes de grupo que quiseram manter-se fiéis ao Escotismo, não desejando servir interesses alheios. Por isso fui vilmente acusado e perseguido. Sofri humilhações por muito querer ao Escotismo.

«Quando tudo se tornou insuportável para mim, tive uma reunião com a direcção do meu Grupo, que era constituída pelo comandante Milheiros, coronel Quadros, coronel Ribeiro Artur e um capitão de que me não recordo o nome, que era comandante-geral dos Bombeiros Municipais, e eles aconselharam-me a abandonar o Grupo, já que a minha acção, a minha teimosia em desejar manter-me apenas escoteiro, estava a levantar sérios problemas à minha segurança pessoal. Não sou político e não condeno aqueles que nos compreendiam mal e nos acusavam injustamente, mas condeno os que, sendo escoteiros e, principalmente, os que tinham responsabilidades associativas, não souberam manter a firmeza dos seus propósitos para garantir a verdade e isenção da causa por que nos estávamos batendo, felizmente reconhecida mais tarde».

Escoteiro um dia... escoteiro toda a vida

— *Nunca mais pensou voltar à actividade?*

— «Há alguns anos, Luís Tovar de Lemos convidou-me a regressar, para colaborar na Associação, mas achei que já estava demasiado velho».

— *Cortou de vez com o Movimento?*

— «Não, Senhor. Para mim o Escotismo é tudo. Ele é a base da minha vida, pois toda ela tem sido orientada como escoteiro. Sinto orgulho quando digo a quem quer que seja: *Fui escoteiro e continuo a ser escoteiro.*

«E faço prova constante desta convicção, em todas as minhas relações pessoais.

«Mesmo nesta pequena terra, onde voluntàriamente me desterrei, para viver em calma feliz o que me resta da vida, tenho procurado ser útil aos que me rodeiam. Ùltimamente até descobriram que eu tinha habilidade para restaurador de imagens de Santos. Um protestante fez trabalho escoteiro que foi muito apreciado e pùblicamente elogiado pelo pároco. Estou condenado a que me transformem em santeiro, mas encaro isso com o sorriso escoteiro de quem deseja ser útil.

— *Acha que o Escotismo o ajudou na na sua vida?*

— «Muito. O Escotismo desenvolveu as minhas faculdades naturais e proporcionou-me muitas amizades que me esforcei por cultivar e manter. Aprendi a ser útil ao meu semelhante e isso fez com que me tornasse mais feliz e bem aceite quer no meio profissional quer no meio desportivo onde também fui praticante entusiasta.

«Foi esse mesmo espírito que procurei incutir nos meus rapazes e conheço muitos homens que ainda hoje me agradecem o que fiz por eles quando garotos.

— *Acha que o Escotismo pertence ao passado?*

— «Não. O Escotismo é capaz ainda hoje de estabelecer um equilíbrio na formação da juventude e de fornecer elementos para a preparação do rapaz. O que é necessário é que haja chefes que o saibam transmitir aos jovens e, através dele, ensinar-lhes o que é a vida.

«Apesar de existirem tantas coisas que desviam a atenção dos jovens, creio na utilidade do Movimento desde que surjam chefes dedicados e competentes de entre aqueles que o viveram com entusiasmo, porque quem não vestiu os calções e a blusa e não sentiu o ideal do Movimento é muito difícil de o dirigir.

A noite surgira há muito e impunha-se o fim deste trabalho. O entusiasmo do nosso entrevistado fizera-nos esquecer as horas, satisfeitos por recolher, com as recordações do velho escoteiro, a sua ale-

Continua na pág. 6



UM DOS GRANDES MOMENTOS DO ESCOTISMO EM PORTUGAL — Em Março de 1929, Baden-Powell visitou Lisboa pela primeira vez. Os escoteiros portugueses dedicaram-lhe uma recepção que impressionou vivamente o nosso hóspede. O movimento escotista atravessava então, em Portugal, um dos seus mais florescentes períodos. Não é de admirar, portanto, a grandiosidade do desfile que atravessou as ruas da Baixa e que teve foros de acontecimento de realce na vida da Capital. Vemos aqui uma imagem do cortejo ao passar no Rossio, por entre alas compactas de povo, que olhava com admiração e respeito o porte escorreito das rapazes da flor-de-lis. A seta indica o chefe José Rodrigues, um dos mais activos dirigentes escotistas desses tempos fabulosos.



Grupo n.° 2

Este grupo levou novamente a efeito este ano a Festa do Natal, em que tomaram parte os escoteiros e antigos escoteiros deste grupo, bem como as suas famílias.

A reunião festiva realizou-se no dia 27 de Dezembro p. p. nas novas dependências da sede deste grupo que vão ser destinadas a um ginásio.

Foram atribuídos os prémios do ano de 1970 às melhores patrulhas e escoteiros, bem como aos mais bem classificados nos concursos de contos do Natal e de construção de presépios.

Simultâneamente, efectuou-se a Boa Acção Colectiva dos Escoteiros do 2, que este ano distribuiu agasalhos, géneros alimentícios e calçado a 100 pobres e ainda brinquedos e livros infantis a 25 crianças.

Esteve presente o sr. Escoteiro-Chefe Geral.

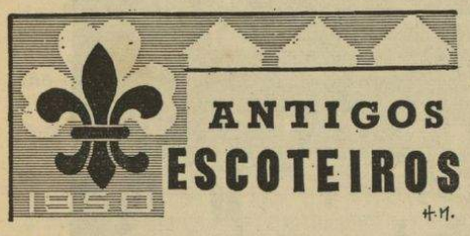
No fim, houve a habitual reunião de convívio entre escoteiros e famílias.

Núcleo B de Lisboa

Este núcleo está promovendo uma série de actividades escotistas, cuja primeira se realizou no dia 27 do mês findo, na sede central, em que se estudou a «Função de Chefia».

Destinada a chefes e chefes-ajudantes, esta reunião começou pelo estudo da definição de chefe, condições de chefia, motivações, responsabilidades e decisão, seguida de discussão e exercícios.

Brevemente realizar-se-á a segunda actividade deste ciclo.



Dia do Fundador

Passando no dia 21 de Fevereiro corrente, mais um aniversário do nascimento de Baden-Powell, fundador do Escotismo, realiza-se na Abadia de Westminster um serviço religioso em sua memória, promovido por iniciativa da Fraternal dos Antigos Escoteiros da Grã-Bretanha.

A Fraternal Britânica integrada na Associação dos Escoteiros

Segundo informa «*The Guildsmen*», órgão oficial da Fraternal dos Antigos Escoteiros da Grã-Bretanha, em 13 do corrente vai realizar-se uma assembleia geral extraordinária para ser apreciado e estudado, e tudo leva a crer aprovado, um projecto para a reintegração daquela Fraternal na Associação dos Escoteiros da Grã-Bretanha, a partir de 1 de Abril deste ano.

Depois desta data, todos os membros da Fraternal ficarão a fazer parte da associação escoteira, de harmonia com normas e condições livremente discutidas e aprovadas pelas duas instituições.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

D. Lavínia Augusta de Figueiredo

Com a idade de 91 anos, faleceu em 23 de Dezembro último a sr.ª D. Lavínia Augusta de Figueiredo, viúva do sr. Rev. Joaquim dos Santos Figueiredo, bispo-eleito da Igreja Lusitana Católica, Apostólica, Evangélica, e mãe dos nossos estimados amigos e assinantes srs. Dr. Leopoldo de Figueiredo e João Pedro de Figueiredo, antigos escoteiros.

As nossas manifestações de muito pesar.

D. Teresa Elisa Teixeira de Queirós de Barros Alves Caetano

Em 15 de Janeiro p. p., faleceu a sr.ª D. Teresa Elisa Teixeira de Queirós de Barros Caetano, esposa do sr. Prof. Marcello Caetano, presidente do Conselho e antigo escoteiro-chefe diplomado.

A extinta era filha do ilustre escritor sr. Dr. João de Barros, já falecido, e irmã do antigo escoteiro sr. Prof. Eng.° Henrique de Barros, bem como do sr. Eng.° Paulo de Barros, também antigo escoteiro, recentemente falecido.

A toda a família em crepes, e em especial aos srs. Profs. Marcello Caetano e Eng.° Henrique de Barros, «Sempre Pronto» apresenta condolências muito sentidas.

D. Maria da Piedade Afonso

Faleceu no dia 23 do mês transacto a sr.ª D. Maria da Piedade Afonso, mãe do sr. Comodoro Domingos Diogo Afonso, ilustre tesoureiro-geral da AEP, pelo que lhe apresentamos os nossos pêsames.

Pequena imprensa escoteira

Penachinho

Mais uma visita de um órgão copiografado de um grupo de escoteiros: o 36, de Luanda. Insere variada colaboração (artigos doutrinários, curiosidade, poesias escotistas, anedotas, concursos, etc.).

Agradecemos a visita e desejamos *boa caça* aos bravos rapazes do 36.

«Época»

Começou a ser publicado em Lisboa um novo diário *Época* — que sucede aos jornais *A Voz* e *Diário da Manhã*, que cessaram a sua publicação.

Ao novo diário, que é dirigido pelo jornalista Barradas de Oliveira, desejamos os maiores êxitos e longa vida.

Chefe José Rodrigues — um símbolo

Continuação da pág. 5

gria por saber que ainda muitos dos que passaram pelas fileiras do Escotismo o estimam e respeitam, venerando o seu nome, gratos ao homem modesto que tão bem soube interpretar a verdade da mensagem de B.-P., agigantando-se aos olhos daqueles que dele receberam tão grandes e úteis ensinamentos e que nos diz à despedida numa afirmação de vitalidade e confiança: «Mesmo aqui, se aparecesse um indivíduo que desejasse formar um grupo e me dissesse: «*Quer ajudar?*», eu responderia imediatamente à chamada e deitaria para fora tudo que ainda possuo cá dentro».

M. G.



Nova Zelândia

Uma das actividades que maior êxito teve durante um *Rallye* do Artesanato Escotista de um dos distritos da Nova Zelândia, foi a que consistiu na pintura de quadros por meio de materiais exclusivamente naturais.

As patrulhas concorrentes deram provas de grande imaginação: mistura de ervas e frutos, utilização de terra e de folhas, etc. Um escoteiro utilizou mesmo compota de fruta para conseguir um tom de vermelho.

Crê-se que o êxito foi completo e que os chefes estão particularmente satisfeitos: a «cozinha pictórica» não lhes fez perder o apetite...

Austrália

A Associação dos Escoteiros da Austrália está trabalhando em estreita colaboração com a «Rádio Austrália», uma estação muito potente que transmite para os países asiáticos em 8 línguas e 9 comprimentos de onda, sobre assuntos que dizem respeito à própria Austrália.

Os escoteiros informam regularmente a estação das suas actividades e fazem entrevistas com escoteiros de passagem, as quais são difundidas para o seu país de origem. Foi o que aconteceu recentemente com escoteiros japoneses e indonésios.

Irlanda

No ano passado, pela primeira vez, um grupo de escoteiros diminuídos físicamente de Dublim, efectuou um acampamento no estrangeiro. Apesar disso, os escoteiros, que tiveram de utilizar cadeiras de rodas, foram em número mais elevado que a presença doutros escoteiros em qualquer outro acampamento anterior.

O conselho escotista de Glasgow deu uma considerável ajuda a este acampamento, que se realizou na Escócia.

SACOR

Esta grande empresa petrolífera do nosso país acaba de nos distinguir com a oferta de um calendário ilustrado para o ano corrente.

Alexandre Herculano

Pela pena do Dr. Agostinho da Silva, publica o magazine «Noticias» de Luanda, um comentário ao resumo da palestra, sobre a eminente figura de Alexandre Herculano proferida pelo nosso saudoso amigo Luis Simões Aurélio em Vale de Lobos, que este jornal publicou.

Muito pertinente a maior parte das considerações feitas pelo ilustre articulista, o mesmo não acontece com curtas asserções, nas quais se compreende não ter sido tomado em consideração o facto de se tratar do resumo de uma evocação do vulto do imortal autor de «Lendas e Narrativas», feita de improviso por aquele nosso saudoso colaborador, num preito de acrisolada admiração por uma figura que lhe era particularmente cara e que causou profunda impressão no auditório.

A DROGA

Continuação da pág. 1

Há poucos meses em Mangualde um camponês adormeceu com o cigarro na boca. Resultado, que tantas vezes se repete: morre o homem e incendeia-se a casa. Por vezes não é uma casa, é uma floresta que arde, e muita gente que perde os seus haveres. E como o arvoredo não anda na algibeira de ninguém, toda a vizinhança perde aquele meio de beneficiação atmosférica.

Num imaginado diálogo entre a faísca, o piquenique, o foguete e o cigarro, como culpados de incêndios, fàcilmente levaria este a carga maior. Pode-se dizer, em teoria difícil de contestar, que o fumador é, além de suicida em câmara lenta, um candidato inconsciente a incendiário.

Da Universidade da Califórnia chega-nos a notícia de ter duplicado entre as mulheres o vício do tabaco, enquanto diminuiu nos homens.

De aí adveio, segundo os dados estatísticos, o rápido aumento do cancro do lábio e da garganta, na mulher. O Dr. John Mogarry — ouçam mais esta — numa recente conferência em Cardiff afirmou que o fumo do cigarro durante a gravidez é a causa da morte ou de deficiências irremediáveis, de milhares de crianças por ano. E por aí fora, seria um nunca-acabar.

Releio agora no «S. P.» de Julho do ano passado: «Razão tinha Baden-Powell para afirmar *que o Escoteiro não fuma porque não é estúpido*». E mais abaixo diz a mesma nota: «Os Escoteiros-Chefes, que tanto se sacrificam pelos seus rapazes, não hesitam certamente em se privarem do cigarro quando estão na presença dos Escoteiros, se é que não conseguem libertar-se de tão funesto vício». Concluo eu: assim, os Escoteiros-Chefes, na presença dos seus rapazes privam-se de ser estúpidos. «Proh pudor!».

Conheço eu um antigo rapaz que nunca fumou, por entender não serem as fumaças que o fariam homem. Ao contrário do que pensavam muitos dos seus companheiros.

Para uma boa compreensão do problema eu proporia a erecção dum monumento ao macaco «Consul», que foi visto e admirado no Coliseu pelos da minha idade. Monumento a um macaco? Espanto geral. E porquê? Ora não erigiu a fábrica Shering, de medicamentos, uma estátua ao cavalo? E não existe no cantão suíço de Vaud um grupo escultórico recordando as mulas que fizeram por muitos anos a carreira de Ouchy-Lausana? E não é certo terem os russos levantado estátua à Laica, a cadela que enviaram a caminho da lua, sacrificada à curiosidade científica? Não falo já dos cavalos de Apolo e do leão de Lucerna, onde são emblemas.

Ao símio «Consul» se poderia apor uma legenda nestes termos: «A Consul, vítima da tuberculose pulmonar, por o terem forçado ao uso do tabaco, os seus epígonos humanos». Ainda a este propósito: o ensino, ou reeducação dos adultos, poderia ser dado em visitas ao Jardim Zoológico; e isto sem ofensa, pois aí se verifica que muitos dos nossos irmãos inferiores parece saberem melhor que nós o que é o respeito pelas leis naturais e o valor das regras que se lhes incutem.

*

Estou-me recordando duma proveitosa entrevista na T. V. sobre o momentoso problema da poluição das águas e da atmosfera. O entrevistado disse que, abstraindo das soluções científicas e técnicas, ali difíceis de explanar, o elemento primordial para a solução desejada era — o amor do próximo. Perto de todos estava essa primeira atitude social: deixar de lançar para o espaço, sem medidas e sem maneiras, fazendo até inalar nicotina aos que não fumam, e têm assim de as suportar, as fumaças do seu vício. Até por sinal nos deu certas notas estatísticas assustadoras.

De facto a sociedade cristã é baseada nesse amor, ainda que o fundamento é tantas vezes esquecido. Jesus Cristo o disse: «amai-vos uns aos outros como eu vos amei».

Se mais não pudermos fazer para diminuir a poluição do ar, que lentamente nos mata, respeitemo-nos e respeitemos o próximo, o que faz parte do amor por ele.

Os escoteiros e o esperanto

Com vista ao Jambori Mundial, que no corrente ano se realiza no Japão, a *Skolta Esperantista Ligo* empreendeu há mais de um ano uma campanha no sentido de introduzir, o mais possível, o esperanto no movimento escotista.

Esta campanha, embora de progressos lentos, começou agora a dar os seus frutos, como o demonstram dois factos dignos de registo. Em primeiro lugar, verifica-se que o interesse pelo esperanto já não parte do exterior, mas sim das próprias associações escotistas Várias revistas de escoteiros, já publicam pedidos de correspondência em esperanto.

Um segundo facto, foi o contrato firmado entre o esperantista Ken Fukuba e a Associação dos Escoteiros do Japão, onde, a partir de Abril do corrente ano, começará a trabalhar na qualidade de secretário.

Quaisquer informações relacionadas com o esperanto e os escoteiros, podem ser solicitadas ao secretário geral da S. E. L., sr. J. K. Hammer, Taxusstr. 7, Zaadan, Holanda.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

O «Pow-Wow» do Velho Lobo

Egas Moniz sacrificou-se pelo seu Rei e pela palavra dada; Duarte de Almeida deixou-se mutilar pela honra da sua terra; Silva Porto suicidou-se para salvar o nome de Portugal; Nun'Álvares bateu-se pela liberdade da sua pátria invadida, quando os seus próprios irmãos seguiam o partido da legalidade; o heróico «Camarão», índio brasileiro que nada ligava a Portugal, deixou-se morrer em defesa dos que não eram seus irmãos de raça, apenas em cumprimento do voto de fidelidade a Portugal e ao seu Rei; Fr. Sebastião Manrique atreveu-se a enfrentar os perigos mais espantosos nesse Oriente inóspito e ainda hoje misterioso, ao serviço de Deus e dos homens; o P.e António de Andrade afoitou-se à travessia do Himalaia para catequizar os Tibetanos, pelo puro amor de Deus; João de Brito e João de Deus, que a Igreja Católica elevou aos altares, devotaram-se ambos à causa de Deus que é ainda uma forma de amar os homens. E quantos, quantos mais, dotados de energia moral, que os fazia arrostar com todos os perigos para não violarem o juramento feito com a mão no coração!

Ainda um dia, meus Irmãos, hei-de evocar a história da vida de alguns desses pioneiros, desses «escoteiros» do passado, tantos deles mortos lá longe e desaparecidos tão misteriosamente, que nem se sabe onde lhes param os ossos. As suas vidas serão uma lição viva, a demonstrar que a «utopia» do Escotismo pode ser uma admirável «realidade», se nós quisermos, se vós quiserdes. Tudo depende da Vontade, essa Vontade dominadora e indomável, que é o traço característico do carácter e que define verdadeiramente o homem.

Do que pode a força da vontade, deu-nos exemplo frisante magnífico o próprio B.-P. abandonando as fileiras em que brilhantemente servira, para dedicar o resto da sua vida à educação integral da juventude inglesa Ele foi, na verdade, o Chefe, porque exemplificou pràticamente os princípios que preconizava, com abnegação e altruísmo. Legou-nos um exemplo para meditar e seguir.

Saiba cada um de nós compreendê-lo e segui-lo. E o velho espírito do Escotismo renascerá.

O Velho Lobo Negro do Norte

E. C. D.

A Rainha de Inglaterra condecorou Sir Charles Maclean, chefe geral dos Escoteiros da Grã-Bretanha

A Rainha Isabel, por ocasião do Ano Novo, distinguiu diversas individualidades britânicas com galardões. Foram 688 as personalidades agraciadas, três das quais receberam o pariato vitalício e, entre estes, conta-se Sir Charles Maclean chefe geral dos escoteiros britânicos. Este é o 27.° chefe do clã Maclean; possui um castelo na costa da Ilha de Mull fundado cerca de 1250, castelo este que, no Verão passado, foi aberto ao público para visitas.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

O XIII JAMBORI NO AR

Mais notícias da valiosa participação dos Escoteiros Portugueses

Os escoteiros portugueses, não é demais repeti-lo, têm marcado posição de relevo, à escala mundial, nesta interessante e grandiosa actividade escotista que é o Jambori no Ar. Talvez haja pessoas, ligadas ao movimento, que ainda não se tenham dado conta do que tem sido o trabalho produzido pelos nossos grupos de escoteiros, trabalho excelente e de vulto e ainda mais digno de apreço quando pensamos nas limitações do nosso movimento.

O prestigioso dirigente escotista L. F. Jarrett, director de administração da Secretaria Mundial do Escotismo, está consecutivamente manifestando a sua satisfação pela forma como os nossos escoteiros têm vindo a actuar e pela digna organização que tem orientado esta actividade entre nós.

Ainda recentemente, aquele conceituado dirigente escotista escrevia as seguintes palavras ao nosso Organizador Nacional:

«Recebi o relatório e o processo do XIII Jambori no Ar. Que maravilhoso esforço!

«Ano após ano. tenho aguardado um realmente bom relatório da sua parte, mas neste ano V. excedeu-se a si próprio. Nada ali falta. Fotografias, marcas do primeiro dia, sobrescritos, circulares — tudo está ali. O significado de todas estas coisas mostram à evidência o seu entusiasmo e a notável organização, não apenas em Portugal pròpriamente dito, mas também em todas as províncias portuguesas. Só desejo que tenha espaço suficiente no nosso relatório mundial para lhe fazer justiça. Muito obrigado por tudo e boa caça».

As palavras acima transcritas não são vulgarmente escutadas de organizações à escala mundial como é o caso presente. Só temos que nos congratular com o muito que se tem conseguido e fazer votos por que continuemos a merecê-las no futuro.

Queluz, Ponta Delgada e Benguela no XIII Jota

Mais três relatórios temos presentes e por eles damos conta do trabalho realizado em três grupos de escoteiros, o 23, de Queluz, o 80 de Ponta Delgada e o 39 de Benguela.

O Grupo 23 esteve este ano *a bordo* sòmente do posto CT1RV, graças à gentileza do radiamador sr. Raul Baptista, de Lisboa. O conjunto dos resultados não foi nada mau: 48 contactos, que foram os seguintes:

Com o Continente: Porto (3) (2 contactos com a C.ª de Guias St. Isabel). Penafiel (3), Ponta Delgada (2) 52 AEP e 107 CNE, e 1 contacto com cada uma das seguintes localidades: Albufeira, Caldas da Saúde (grupo do CNE), Carcavelos (chefe V. Custódio), Évora, Faro (grupos 6, 60 e 77, de Olhão, V. R. S.t° António e Faro), Funchal, Lagos, Odivelas, Riba de Ave, St.° Ant. Cavaleiros (grupos em formação no Cacém), Torres Vedras e ainda um posto móvel. Com o Ultramar: Luanda (grupo 36), Benguela (grupo 39) e Nova Lisboa (Agrupamento do CNE), em Angola; 2 contactos com Cabo Verde: 1 com S. Tomé; e 3 contactos com Lourenço Marques (grupos 167 e 180 CNE), em Moçambique. Com o estrangeiro: Alemanha, Argentina, Brasil (7 contactos com Rio de Janeiro, Alagoas, S. Paulo, Santos e Fortaleza), Espanha, França, Inglaterra e Venezuela.

Este grupo trabalhou ainda no posto de correio que funcionou nos Serviços Centrais. Os jornais «Diário de Lisboa» e «Diário Popular» fizeram reportagens da actividade do 23 neste JOTA.

O Grupo 80 de Ponta Delgada, teve de lutar contra as condições atmosféricas muito desfavoráveis, pois forte temporal soprou sobre a ilha de S. Miguel nos dias em que se realizou o JOTA. Assim, não são de admirar os fracos resultados obtidos, mesmo assim à custa da grande pertinácia dos escoteiros e do radiamador sr. João Manuel Raposo, que pôs o seu posto CT2AK à disposição daquele grupo. Foram 7 os contactos conseguidos: 2 com o grupo 4 e chefe Custódio, em Carcavelos; grupo 18, em Cucujães; grupos 15 e 17, no Porto; e Grupo 52, em Angra do Heroismo. Estrangeiro: Inglaterra e Noruega.

Fazemos votos de que, no próximo ano, os simpáticos rapazes do 80 sejam mais felizes na sua aplicação nesta actividade.

O Grupo 39, de Benguela, teve actuação muito meritória, pois esteve *a bordo* de emissores CR6FW, CR6LR e CR6YS, respectivamente dos distintos radiamadores srs. António Pereira de Sousa e João Varanda e sr.ª D. Josefa Cinos Romo Farizo.

Contactos conseguidos: do posto CR6FW: 4 contactos com Luanda (grupo 36), 2 com Nova Lisboa (Angola); 5 com Lourenço Marques (C.ª Guias 2 e 10, e grupos 12, 167, e 180 CNE), 2 com Quelimane (grupo 196 CNE), 2 com Vila Salazar (grupo 6 CNE), 1 com localidade não identificada (Moçambique): S. Tomé; Ponta Delgada (grupo 107 CNE) e Lisboa (grupo 23). Com o estrangeiro: África do Sul (10 contactos); Brasil (3 com Rio de Janeiro e Petrópolis), Noruega, Rodésia (2) e Sudoeste Africano

Do posto CR6LR: Nova Lisboa (CNE) (Angola); Lourenço Marques (5 contactos com os grupos 4, 11, 12, 167 e 180 CNE), Dondo (grupo da AEP), Quelimane, (grupo 196 CNE) e Vila Salazar (grupo 6 CNE) (Moçambique); e com os grupos 15 e 17, no Porto. Estrangeiro: 3 contactos com a África do Sul, e um com a Noruega e a Rodésia.

Do posto CR6YS: 8 contactos com Lourenço Marques (C.ª Guias 6, e grupos 21, 167, 169, 180 e 203 CNE), Beira (grupos 254 e 258 CNE), Dondo (grupo da AEP), Inhambane (grupo 208 CNE) e Quelimane (grupo 196 CNE) (Moçambique); e Ponta Delgada (grupo 107 CNE) (Açores). Estrangeiro: 2 contactos com a África do Sul e 1 com Argentina, Congo (Kinshasa), Inglaterra e Itália.

Os escoteiros de Benguela estão particularmente agradecidos aos radiamadores pela forma como têm cooperado nesta actividade, assim como à repartição dos CTT daquela região pelas facilidades concedidas.

Se nos for dada essa possibilidade, daremos notícia do trabalho doutros grupos que tenham colaborado no JOTA.

DE MÊS PARA MÊS

ÉPOCA DE BALANÇO



Estão decorrendo em todo o mundo escoteiro, e portanto também em Portugal, as operações indispensáveis à elaboração do Censo, pelo qual iremos saber se o Movimento está em progresso ou em regressão e o interesse que está despertando nas camadas juvenis.

Provàvelmente, vamos concluir que os Escoteiros de Portugal são reduzido número, o que nos levará a outra conclusão mais dolorosa — o nosso Escotismo não está despertando suficiente interesse e, portanto, os rapazes não acorrem às nossas fileiras.

Parece que seria de aconselhar outro censo. Saber quantas e quais as actividades que promovemos ou estamos promovendo. Que tem realizado cada um de nós? Que género de actividades têm sido promovidas pelas patrulhas, pelos grupos, pelos núcleos, pelos Serviços Centrais?

Porque, não tenhamos dúvidas, só teremos mais rapazes nas nossas fileiras quando formos Movimento e realizarmos actividades cheias de entusiasmo e aventura.

Homenagem póstuma ao Comandante Álvaro de Melo Machado

Por iniciativa do Grupo n.° 2 dos Escoteiros de Portugal, os Grupos de Lisboa prestaram homenagem ao Comandante Melo Machado, numa cerimónia que se realizou no Domingo, dia 21 do corrente, junto ao jazigo do falecido no Cemitério dos Prazeres. «Sempre Pronto» publicará no próximo número notícia mais completa sobre este acto.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00